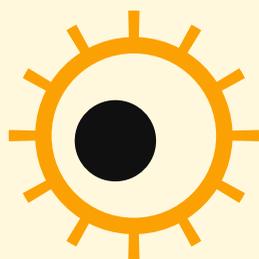
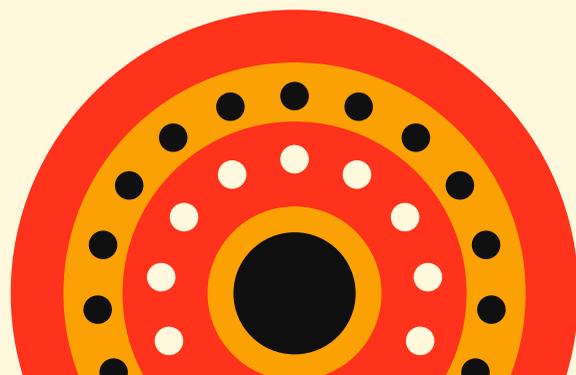


Que letra  
é essa?



FORA  
D'ASA





### **Organizadores**

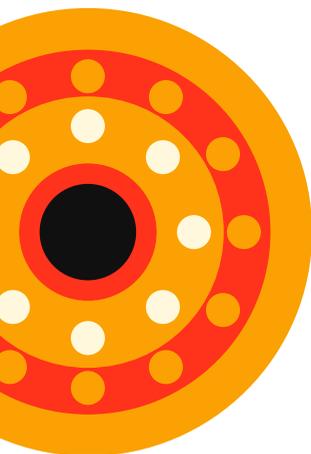
Instituto LetraPreta  
Fora da Asa

### **Diagramação**

Lis Bortoli Henz

### **Ilustração da Capa**

Erin Barbosa  
Lis Bortoli Henz



### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Que letra é essa? [livro eletrônico] / organização  
Instituto Letra Preta. -- Porto Alegre, RS :  
Fora da Asa - Experiências Plurais ;  
Porto Alegre : TodAs EscreVemos, 2024.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-85262-11-8

1. Literatura brasileira - Coletâneas  
I. Instituto Letra Preta.

24-231406

CDD-B869

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



**LETRAPRETA FORAMASA**



Não é a primeira coletânea que fazemos em parceria, mas essa, sem dúvidas, é muito especial. O projeto TodAs EscreVemos começou querendo colocar mulheres a escrever juntas para que pudéssemos nos fortalecer uma na outra por meio das palavras. Nossa perspectiva de trabalho, desde o início, é feminista e antirracista. Como professoras, sempre quisemos transformar um tantinho essa coisa toda embolada chamada mundo para que mais pessoas pudessem participar dele, com alegria, amor e autonomia.

Foi prontamente que aceitamos nos encontrar em uma oficina de escrita planejada para o Instituto LetraPreta, constituído por mulheres e homens negras e negros. Tantos anos de estudo, autorreflexão e trabalho nos deram certa confiança em diálogos de que tantas pessoas brancas podem se furtrar. E, é claro, essa confiança nos foi tantas vezes fortalecida pela querida Gabriela Rabello - a quem sempre agradecemos muito pela troca sincera e profunda.

Foram três encontros em julho e agosto de 2024, aos sábados pela manhã, que aos poucos foram dando forma a essa coletânea que vem para celebrar um ano de luta e resistência desse instituto e das pessoas que fazem parte dele. Que linda festa para sermos convidadas! Espalhados pelo Brasil e fora dele, enviamos muitos abraços e beijos a todes, para que possam ter certeza de sempre poder contar com a gente.

Os textos aqui reunidos foram escritos durante os encontros ou resgatados das gavetas da casa ou memória. Todes nós escrevemos e precisamos acreditar mais nas nossas vozes. As imagens foram escolhidas por quem escreve e organizadas pela Lis Bortoli Henz, parceria que mantemos desde sempre. Obrigada Lis por ser sempre tão solícita e generosa. A capa de Erin Barbosa remonta a nossa primeira coletânea, portanto, também celebra os 4 anos desse projeto tão querido por nós da Fora da Asa.

E esse posfácio é escrito por quem toca esse sonho: o de trabalhar com aquilo que ama e levar junto consigo toda a esperança de se viver melhor com aqueles e aquelas que tanto queremos bem. A literatura que nos interessa é essa que faz as gentes se encontrar para arquitetar uma outra humanidade possível. Nada mais...

Continuem escrevendo!  
Um abraço grande e forte,  
Camila e Bruna



FORA DA ASA





## Sobre o Instituto Letra Preta

Quantas mãos foram necessárias para fundar esse Instituto ? Entre nossas 28 mãos negras e 6 aliadas, surge o nosso Letra Preta. Primeiramente, queremos agradecer ao nosso parceiro que iniciou esse sonho conosco e retornou recentemente ao grupo, Kevyn Moura. Tua confiança e apoio em apostar na nossa idealização desse Instituto, só nos demonstrou que estávamos no caminho certo e conseguiríamos prosseguir. Das 4 mãos aliadas, agradecemos a Leticia Dourado e a Larissa Wickert que de maneira voluntária, nos oportunizou institucionalizar o Letra, nos permitindo diminuir um pouco do sofrimento e burocratização que muitas ONGs e Instituições passam para poder se formalizar.

Em seguida, todo o nosso abraço aos nossos irmãos Everton e Alonso. Everton, mesmo antes anunciarmos a vaga, você já estava conosco e confiando no nosso processo. Admiramos o seu trabalho enquanto profissional e como nosso professor do Letra e, valeu, por continuar nessa luta conosco. Já você Alonso, obrigada por ter colocado nas suas costas todo o planejamento, estrutura e desenho de comunicação do nosso Instituto, fazendo ele se erguer com uma estrutura sólida, que daremos continuidade em seu nome, agora com você fazendo parte do nosso conselho.

Queremos agradecer a você, Lady, por confiar em abraçar essa bandeira e mostrar que, mesmo nos momentos mais difíceis, se abraçamos a causa com amor, seguiremos não importa a circunstância e tempo. Da mesma forma, agradecemos ao nosso parceiro Lucas, que faça chuva ou faça sol, faça uma festa com as crianças na sua casa, ou faça um barulho dos vizinhos na rua, sempre esteve conosco e presente, nos entregando o seu sorriso, palavra e amor. A nossa andarilha e correspondente das ruas Mychelle, você é incrível, e que prazer estar contigo nessa caminhada de risadas, perrengues e também muita luta. Através do seu olhar e trabalho, conseguimos fazer com que nossas histórias possam ser reescritas e rescutadas na maneira pelas quais nós merecemos que elas sejam mostradas. A nossa companheira Suyane e Jade, obrigada pela dedicação e empenho de vocês conosco e deixar esse nosso caminho mais leve, mesmo com todas as demandas que já começamos a receber de trabalho com o Letra. A professora Flavia e Patricia, obrigada por essa união mais recente, mas que nos permitiu ter forças para avançarmos em frentes do nosso projeto tão essenciais quanto ao de educação e advocacy. A energia de vocês duas, sempre que se faz presente nos nossos encontros, nos dá forças e confiança de que estamos no caminho certo.

Por fim, com todo o carinho e gratidão, agradecemos a Ana Cláudia, Ronan e Sazana por terem colaborado com o nosso time e confiando no nosso processo até aqui. Mesmo que as turbulações e interferências da vida fizeram com que essa parceria acabasse, agradecemos pelos encontros deste primeiro ano de nossa fundação e todo o aprendizado que foi feito.



Com isso, ao meu irmão e co-fundador desse Instituto, Maurício Cardoso, que possamos seguir de mãos dadas apoiando e confiando na trajetória um do outro, como fizemos até aqui e que um dia, essa obra nos sirva para mostrar como fizemos um bom trabalho em acreditar em algo maior, mesmo diante de tanta violência e invisibilizações que passamos nessas nossas trajetórias. Seguimos!

Avante moçada,  
E até o próximo ano,

Com todo amor e axé,

Gabi Rabello  
Pelo Instituto LetraPreta

 Site - [letrapretaedu.com](http://letrapretaedu.com)  
 Podcast - [bit.ly/4eURYmc](https://bit.ly/4eURYmc)

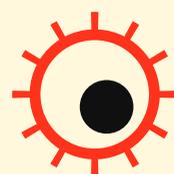
 **LETRAPRETA**





# SUMÁRIO

Patrícia Ramos	8
Maurício Cardoso	12
Mychelle Dantas	14
Sazana Martins	16
Kevyn Moura	18
Gabriela Rabello	20
Lucas Maciel	22
Maju Reis	24
Suyane Lopes Oliveira	27
Alonso Clinton	30
Flávia Oyátumbi	32
Ladylene Aparecida	35
Everton Sales	39





## Patricia Ramos

Especialista em Gênero, Raça e Etnia na PHID - Policy Hub for Inclusive Development. Ela também é Líder Rise Up Brazil e trabalha com Advocacy em Equidade de Gênero, atualmente atuando na defesa política em nível estadual para a aprovação de um projeto de lei que cria oportunidades de emprego para mulheres em situação de violência. É Defensora dos Direitos de Cidadania e Podcaster do Instituto Maria da Penha, facilitando discussões sobre Direitos Humanos e Direitos da Mulher. Liderou diversas iniciativas que abordam o enfrentamento à Violência Doméstica contra as Mulheres e o empoderamento de Mulheres. Patrícia faz parte da Columbia Women's Leadership Network (CWLN), um grupo de profissionais dos setores público, privado e terceiro setor, com o objetivo de construir uma rede crescente de mulheres que contribuam para a transformação do Brasil. Além disso, Patrícia está fazendo mestrado em Ciências Humanas e Sociais e é especialista em Direitos Humanos, Diversidade e Violência pela Universidade Federal do ABC. Neste ano, recebeu o Prêmio Mulheres Revelação na categoria Defesa de Direitos e foi escolhida Embaixadora na Brazil Conference at Harvard & MIT na categoria de Impacto Social.

“Sou uma sobrevivente. Venci cinco tipos de câncer. Sobrevivi a um relacionamento abusivo, repleto de episódios de violência, que culminou em sequelas emocionais. Sou uma vencedora. Venci o medo. Venci a estrutura patriarcal. Venci o machismo. Minha missão, a partir de então, foi transformar minha resiliência em legado, minha influência em encorajamento e minha voz em símbolo de luta. Eu busco igualdade e justiça social, inspirando outras mulheres a quebrarem barreiras, a vencerem os estigmas da raça, do nível socioeconômico, o etarismo, que faz com que não sejamos consideradas produtivas. Cheguei aqui atravessando todas essas barreiras cruelmente impostas pela estrutura social e tenho a certeza de que posso motivar outras pessoas a acreditarem em suas próprias histórias.”



Foto 1: Teboho Makoatsa, pintor sul-africano de arte contemporânea

Foto 2: Marcia (minha mãe)

Foto 3: Patricia (eu)

**Enquanto eu navegava pelo Instagram**, como faço tantas vezes, me peguei observando o trabalho de alguns artistas negros que sigo. Em meio a tantas imagens poderosas e inspiradoras, uma foto em especial chamou minha atenção: era uma imagem de uma criança, tão simples e ao mesmo tempo tão carregada de significado. No instante em que vi aquela tela pintada por Teboho Makoatsa, fui tomada por uma onda de nostalgia. A criança na foto me lembrou de uma imagem que estava guardada na minha memória, a única foto que minha mãe tinha dela mesma quando era criança. E imediatamente decidi deixar registrada, não só na memória mas aqui nesse livro, o sentimento que essa imagem despertou em mim.

Ver aquela foto me trouxe de volta aquele pedaço precioso da história da minha mãe, um momento congelado no tempo. Um único momento. Uma única foto, rasgada, datada com a letra dela, que reconheci de imediato. Minha mãe, que hoje já não está entre nós, sempre guardou muitas fotos e, ao partir deste mundo, deixou a mim seu legado de manter guardado registros de vários momentos da nossa vida.

De tempos em tempos, pegávamos uma grande caixa de fotos e passávamos de mão em mão, trazendo detalhes e sorrisos tão nítidos como se acabara de acontecer. Lembro de como cada foto era importante e de como minha mãe segurava aquelas memórias como se fosse um tesouro, e de como ela sempre trazia detalhes da sua infância, adolescência e como chegou na sua adultez. Só hoje percebo com mais clareza que na sua história havia muita dor, ausências, abandono e uma busca incessante por ser feliz. Nunca perguntei se ela foi feliz. Não tive tempo. Foi então que percebi o quanto era importante registrar a minha própria visão dessa história, não apenas para mim, mas para que as gerações que virão depois de mim entendam a importância de registrar detalhes únicos, que marcaram sua vida para sempre.

Aquele momento me fez refletir sobre a importância de contar nossas histórias, de preservar nossas memórias e de dar visibilidade às nossas narrativas. Decidi que queria deixar um registro, algo que contasse sobre quem eu sou, de onde venho, e que honrasse a memória da minha mãe. Registrar minha história, de alguma forma, tornou-se um ato de resistência, um lembrete de que nossa existência importa, e que nossas histórias merecem ser contadas e lembradas. Passei dias pensando sobre a imagem e, como de costume, fui atrás da caixa e encontrei não só a foto da minha mãe, mas uma minha também, provavelmente com a mesma idade.

Olhar para as fotos de três gerações diferente, de países diferentes e tão semelhante entre si, me fez querer olhar pra dentro de mim e desejei resignificar minha história, agradecer ao meu passado, apesar da dor, ser generosa com o meu presente, apesar das frustrações, e olhar para o futuro com esperança e mais amor pelo que há de vir. Porque meus filhos lembrarão também num futuro muito próximo do seu passado e eu serei a lembrança mais presente que eles terão para recontar suas histórias.

Desejo hoje, com esse capítulo, fechar ciclos, romper com lembranças difíceis e deixar para trás o lamento do que poderíamos ter vivido. Minha mãe partiu com 55 anos e hoje tenho quase a sua idade. Quero apenas deixar nessas fotos o que foi bom e terno e, mais do que isso, perpetuar sentimentos saudosos, que valham a pena não serem esquecidos. Que sejamos lembradas por gerações como pessoas que passaram por aqui na terra deixando um legado de esperança.

## **Qual a história do meu nome?**

Patrícia significado: está sempre em busca da perfeição total, por ser exigente demais com as pessoas e ter um senso crítico muito apurado, tem a solidão como grande companheira.

Patrícia significado: é de classe Nobre. Da mesma Pátria. Nome dos primeiros habitantes de Roma, patrícios.

É interessante pensar como nomes marcam períodos da história, nomeiam desejos e sonhos que nos apresentam do início ao fim das nossas vidas. Será que nomes sempre precisam ter significados? Esse significado marca a vida de quem dá ou de quem recebe? Causam sentimentos bons ou ruins a ponto de não os nomeá-los? Minha mãe lembrou de uma atriz de novela ao escolher meu nome. Cresci vendo muitas patrícias em sala de aula, mas nunca crianças ou avós. Eu sou a geração de Patrícias Avós, eu fui a geração de Patrícias Crianças. Carinhosamente chamada de Pati por uns e tendo, para outros, o significado de pessoas fúteis e consumistas, por quê? Quem nomeia? E quem aceita ou recebe nomes como rótulos? Eu sempre vi com carinho a forma como me chamam, provavelmente porque minha auto percepção sobre mim mesma não faz o menor sentido.

Outro fato interessante é saber que na minha família também tem em seu nome alguém que herdou o meu apelido como seu próprio nome, Tícia. Tenho uma prima chamada Tícia, que seria o jeito carinhoso de se referir a Patrícia. É interessante o quanto ainda os vestígios do meu nome se perpetuam de outra maneira, dando significados para outra vida. Gratidão a minha mãe por ter escolhido o meu nome.



## Maurício Cardoso

Maurício Cardoso, nascido no Rio Grande do Sul, é engenheiro de produção formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atualmente cursa um MBA em Ciência da Computação pela Universidade de São Paulo (USP/Esalq). Filho de Patrícia Santos, auxiliar de serviços gerais, e Alzemiro Cardoso, pintor automotivo, Maurício cresceu em uma família grande, com mais quatro irmãos. Desde cedo, enfrentou as desigualdades raciais que marcaram sua trajetória, mas foi na educação que encontrou um caminho para quebrar ciclos de pobreza e construir um futuro mais digno.

Atualmente, trabalha como Analista de Dados na Great Place To Work® Brasil, onde aplica sua expertise em dados para promover a transformação social, especialmente no campo da diversidade e inclusão. Desde 2017, Maurício tem se dedicado a apoiar organizações por meio de pesquisas e análises sobre diversidade. Sua atuação vai além do profissional, refletindo seu compromisso pessoal com a mudança social.

Co-fundador do Instituto LetraPreta, ao lado de Gabriela Rabello e Kevin, Maurício lidera uma organização comprometida com a educação antirracista e o letramento racial, com presença em 10 cidades do Brasil. A LetraPreta, que reúne educadores, pesquisadores e ativistas, é uma ferramenta poderosa de empoderamento para pessoas negras, com uma abordagem que combina educação popular, afrofuturismo e interseccionalidade.

## Por eles que resistimos

Desde a infância, carrego em mim uma série de inseguranças. Ao refletir sobre a origem desse estado, percebo que as marcas que trago são consequências das inúmeras violências que vivenciei ao longo da vida. O racismo mina nosso campo mental, nos constrói como pessoas inseguras e nos destrói pouco a pouco. Mas como reverter esse cenário? Será que algum dia conseguiremos atravessar essa vida nos sentindo mais confiantes e capazes de concretizar nossos sonhos, sem que esse muro chamado racismo nos assombre constantemente? São perguntas que me faço frequentemente... Ao ingressar na universidade, comecei a vivenciar o ambiente acadêmico e os desafios que se apresentavam. No entanto, esses obstáculos não se limitavam ao campo pedagógico; estavam também na estrutura universitária, que todos os dias me dizia que aquele não era um lugar para mim, a ponto de me fazer sentir um estranho ali. Não foram poucas as vezes em que pensei em desistir, muitas inclusive. "Este ambiente não é e nunca será para mim", assim pensava o jovem negro. Mas, ao retornar para casa, percebia que o sonho de me tornar diplomado não era apenas meu. Muitos dos meus familiares tiveram que abdicar de muitas coisas para que eu pudesse permanecer ali e resistir. Meus avós tinham o maior orgulho da pessoa que eu estava me tornando e, quando me apresentavam aos seus amigos, não diziam apenas "este é meu neto", mas sim "este aqui é meu neto, engenheiro", com o maior orgulho e um sorriso nos lábios. Talvez enxergassem algo que nem eu mesmo conseguia visualizar, e foi por eles que consegui resistir e concretizar esse grande sonho coletivo. Hoje, Maurício é engenheiro.

## A história por trás do nome

Maurício é o nome escolhido para mim, em homenagem a um jogador de vôlei profissional. Lembro-me das histórias contadas pela minha mãe e minha avó sobre como, certo dia, esse jogador estava no shopping Praia de Belas, em Porto Alegre, onde minha avó trabalhava como faxineira. Aproveitando a oportunidade, ela pediu um autógrafo ao jogador, e ainda guardo o panfleto com a assinatura e dedicatória dele. Inspirada por essa experiência, minha mãe decidiu usar o nome dele para me batizar. Essa escolha de nome me faz refletir sobre os anseios de pessoas negras em ascender socialmente, uma vez que o esporte, frequentemente, serve como um meio transformador de vidas, possibilitando muitas vezes a mobilidade socioeconômica. Pais e avós que enfrentam realidades difíceis costumam projetar em seus filhos a esperança de uma mudança significativa. Minha mãe e minha avó, que sempre trabalharam em cargos operacionais na área de faxina, buscaram caminhos diferentes para mim e meus irmãos. Apesar de terem poucos recursos, elas se dedicaram ainda mais para que não precisássemos, como elas diziam, "passar pelo que elas passaram". Ampliando essa reflexão, é interessante observar como a escolha de um nome pode carregar um simbolismo profundo. No meu caso, o nome Maurício não apenas representa um jogador de vôlei, mas também a esperança e a luta de minha família por uma vida melhor. Esse desejo de mudança é uma constante na vida de muitas famílias negras, que enxergam no sucesso dos esportistas um espelho de suas próprias aspirações e a possibilidade de um futuro diferente.



## Mychelle Dantas

Como você se chama? Eu não me chamo, os outros é que me chamam! Era introdução de um livro infantil; Gabriela? Talvez. Por aqui é Mychelle, com ypsolon e dois elles, repetindo há umas quatro décadas, metade com a famigerada “crachá de pobre” na frase. Esse quero evitar, negócio de abundância, não vibrar escassez, palavras tem poder. Devem ter, meu avô não gostou dele, dizem que dizia ser de dançarina de Can-Can, uma referência machista daquele final dos anos 70, veja a ironia, o que me salvou foi tornar-me dançarina! Diz que ele falou que mamãe se quisesse não precisava casar mesmo eu já morando em sua barriga, imagina, ela clara, papai preto reluzente, deu-lhe o sobrenome em novembro, nasci em fevereiro seguinte, em poucos anos ele seria ausente. “Mychelle tem boca, mas não fala, coloca ela ali sentada, volta e continua calada”. “Mychelle, parece que foi picada por agulha de vitrola, não para de falar, só sabe perguntar.”, “Isso é conversa de adulto, menina, vai deitar!”. Casa de mulheres, todas na rua trabalhando, por aqui irmã mais velha, do irmão cuidando. E quem cuidava dela? Os livros que a mãe e as tias vendiam, oras. As vezes os discos. Aprendeu a ler cedo. A sonhar também. Os encartes dos vinis lia e se imaginava num clipe musical. A mãe também ficara ausente um bom tempo no hospital. Nunca mais foi a mesma. E a casa era aquele entra e sai, privacidade nunca teve, nem seu próprio quarto, silêncio...mas aprendeu que todo mundo era igual, era dia de missa, livro de tarô, anjo, chamava Pomba Gira de tia. A tia era casada com outra tia. Um desfile de liberdades sem igual, de maneira um pouco torta, aprendeu sobre amor universal. Em seu peito a semente de mudar o mundo, por que quando foi pra fora viu que era tudo desigual, não como em sua casa, que podia não ser bem um Lar, mas era uma Torre de Babel com curiosa união, uma gira, uma olimpíada, um carnaval. Assédio. Incêndio. Pânico. E de repente ganhou uma profissão num projeto social. Fez do sonho, dom, missão, descobriu que não salvaria o mundo, mas que cada pessoa que encontrasse seria um mundo, uma palavra, um sorriso, gesto de amor, afeto...talvez hoje: A descoberta! O outro era ela, a pequena que devia ser salva. Espelho que agora reflete, sua Tela Espelhada.

## Cabelos Feiticeiros

A mestiça que queria ser paqueta. Na família do pai era a filha da branca, na da mãe era a filha do preto. Os pais do pai um branco de olho azul e uma retinta no último lindo tom. Da mãe era pai alourado pele queimada, e avó misturada. Me contentei em ser chamada de Maravilha, referência aquela apresentadora. Tinha aquela música Curumim, eu de franja, veio o funk virei MC Índia. Muita música preta e macumba dos dois lados. Quis ser Orixá e entidade. “Receber santo” era meta.

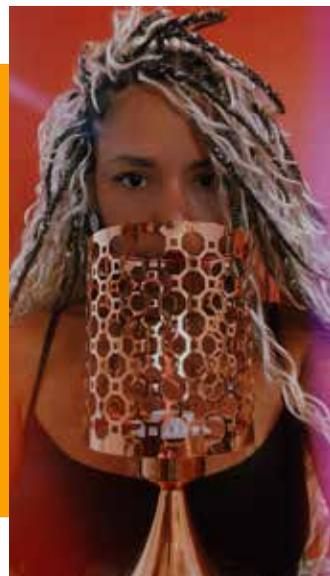
Aí veio a água oxigenada e tintura barata, cabelo ficou acaju e na escola era a Mico Leão Dourado. Passei a pintar de preto azulado. Teve henna vermelha. Então apareceu a Camila Pitanga em Malhação, nunca esqueci a Alex, tive uma pista, talvez me vi ali. Mas aí veio o GeraSamba. Concurso de Loira do Tchan. Passa o tempo. Fui trabalhar numa joalheria em Botafogo, o uniforme era terninho, mule e cabelo louro de chapinha. E depois foi de muitas cores e muito formol.

Fui pros projetos sociais e as crianças me fizeram amar o colorido chamando de Barbie Sereia 2 como o desenho, mas na verdade foi um erro ao descolorir em casa e com pouco dinheiro matizar com violeta genciana.

Grande passagem de tempo:

Corta pra 31 de Dezembro de 2022, mais um ano novo sozinha. A mãe de aluna do projeto social vinda de Guiné Bissau quis me agradecer o carinho com as filhas me fazendo um arquinho de trancinhas uma semana antes. Chorei. Precisei trançar minhas tristezas. No caminho achei um afro salão. Fui convencida/desejosa a fazer Gypsy! Longas, como a Sereia que quis ser na infância vendo Splash. Como me reconectando ao ausente da família. “Com muitos cachos” disse a trancista do Benin, e continuou “você é brasileira se colocar liso parece branca se colocar cacho parece preta.” Apreensiva com a consciência do lugar do meio, mas carente do que me faltava, acatei. Como mágica, magia dos ventos e das águas, por várias deusas blacks, de dread e trançadas, eu era reconhecida, chamada de irmã tantas vezes como nunca na vida.

A trança me guardou, fortaleceu, virou uma incubadora de amor, e por mais que eu tenha me acostumado a solidão, sozinha mesmo nunca mais sou.





## Sazana Martins

Sazana Martins é mulher negra cis, soteropolitana, feminista, tutora de pets, administradora pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), relações públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), bacharela em humanidades pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), licenciada, especialista e mestra em educação profissional (IFBA), especialista em Africanidades e Cultura afro-brasileira pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente cursa Doutorado Interdisciplinar em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia onde pesquisa pedagogia feminista negra e educação profissional.

Com mais de dezoito anos de trajetória docente na educação de jovens e adultos se propõe a colaborar ativamente para a construção de uma realidade livre do racismo que estrutura a sociedade brasileira. Trabalhou em empresas como Mundo Verde, Pousada des Arts, CIEE, Universidade do ISBA, IFBA e outras. Também trabalha como mentora e consultora na área de Diversidade e Inclusão. Realiza diversos trabalhos voltados para o empreendedorismo e inovação, já tendo atuado como avaliadora de startups brasileiras. Atua voluntariamente em empresas e ONGs como Salto Aceleradora, Instituto Oportunidade Brasil, Instituto Letra Preta e Programadores do Amanhã. Recentemente foi selecionada para compor a FobesBLK Global Community, grupo de lideranças negras que impactam os negócios, a cultura e a sociedade positivamente; bem como líder local do movimento Ella Lidera em Salvador-Ba. Além disso, como empreendedora realiza mentorias voltadas para o empreendedorismo e para a carreira.

Presente também nas redes sociais, escreve para um blog pessoal, é podcaster no Spotify com o perfil Empretecer, mensalmente publica textos na newsletter Diversidade e Inclusão no LinkedIn, também produz vídeos para o YouTube no canal que leva seu nome. Nos seus momentos livres, prioriza a leitura e a escrita já tendo poesias suas publicadas em coletâneas.

## **A escrita negra feminina como exercício de liberdade**

Desde que me entendo por gente, lápis e papel são meus companheiros inseparáveis. Não só pelo fato de gostar muito dos itens de papelaria, mas sempre foi por meio da escrita que deixava transbordar para fora de mim tudo o que sinto. Não sei se sei viver sem escrever, também não me interessa descobrir. Tenho necessidade de desbravar tudo aquilo que não imagino ser capaz de habitar em mim, como mulher e como negra. Tudo acontece tão rápido e ao mesmo tempo que o respiro pode ser a palavra. Deixar que escorra pelas pontas dos dedos tudo aquilo que povoa a mente lotada de tantas marcas, que nem sempre o consciente quer aceitar que tenha como marcador raça e gênero. Essa é a mágica da escrita.

Tem momentos que a minha humanidade gostaria de sobrepor a raça e o gênero. Quando aparecem os pequenos sinais de que isso finalmente se realizará e, obviamente, o que desejo é que ocorra de forma leve e suave (que também não me recordo de saber como é sentir isso após a tomada de consciência racial), algo vem denunciar que gênero e raça andam de mãos dadas, prioritariamente, antes de eu me pensar ou ser vista apenas como pessoa humana.

No meio desse fogo cruzado, a escrita aparece como o refúgio perfeito para experienciar um momento de plenitude no presente. Então, escrevo para me notar, me olhar com atenção e afeto, e para entender minhas intensidades e desejos. Logo, não consigo dissociar essas vontades todas (e muitas outras), que são atendidas no momento da escrita, como algo diferente de liberdade.



## Kevyn Moura

Graduando em Design Visual pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, encontra sua paixão em conectar o regional ao global e desenvolver projetos com propósito através do design. Para ele, as microrrevoluções são fundamentais para originar mudanças globais, e por isso, acredita no poder da construção coletiva para realizar transformações significativas na sociedade.

Membro ativo da comunidade de impacto Global Shapers no Hub Porto Alegre, iniciativa do World Economic Forum, contribui em projetos de impacto social e ambiental. Desde gestão de impacto até comunicação, tem colaborado na construção de uma jornada de ações em busca da transformação social.

Entre 2020 e 2024, foi bolsista acadêmico na Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS, onde experienciou a aplicação prática das políticas de ações afirmativas na universidade, destacando-se na comunicação visual do setor e no apoio logístico para a manutenção das ações do programa.

Além disso, é estagiário de design na Assessoria de Comunicação Social do DAER-RS, autarquia estadual do Rio Grande do Sul responsável pela gestão do transporte rodoviário no estado.

Em sua jornada, busca continuar promovendo e construindo iniciativas que transformem realidades e contribuam para um futuro melhor.

## A Janela que me revela

Da minha janela, vejo casas que parecem iguais, mas cada uma carrega um universo particular,

Vejo gente com histórias e sonhos, cicatrizes que o tempo não vai apagar.

Um horizonte que se estende, mas que, em sua vastidão, ainda parece distante,

Um sol que brilha e aquece, mas ofusca o caminho adiante.

Vejo um monte de coisas, emaranhados que se misturam e se entrelaçam,

Crianças brincando, acreditando no impossível, enquanto os dias passam.

Adultos que, por vezes, perderam o brilho, tornaram-se descrentes,

Adolescentes que vivem entre o que foi e o que vai ser, buscando-se, perdidos em suas mentes.

Um monte de gente, cada qual com sua jornada, seu próprio destino,

Vejo a realidade, crua e dura, distante do que imagino.

Queria contemplar um horizonte mais sereno, onde a paz fosse constante,

Um cenário onde a segurança não fosse utopia, mas algo presente.

Um lugar onde eu pudesse ser tudo o que sonho e acredito,

Sem medos, sem amarras, sem nenhum grito contido.

Queria que minha janela se abrisse para o infinito que carrego em mim,

Esse universo íntimo, vasto e profundo, onde o ser encontra seu princípio e fim.

Ainda quero ampliar esse horizonte de dentro, fazê-lo transbordar para fora,

Quero que a realidade se aproxime mais do que sonha minha alma sonhadora.

Para que, através dessa janela, eu possa contemplar o infinito,

E que ele me abrace, me envolva, em seu sentido mais bonito.

Da minha janela





## Gabriela Rabello

Na Gabi eu sou o letra e a Bibi é a criança que hoje eu busco proteger

Gabi, Bibi

Quando invoco a natureza e a força de minha mãe é com a primeira variação que venho.  
Aliança, amor, orgulho, vontade de existir

No significado do nome, Gabriela vem de “mulher forte de Deus” ou “fortaleza de Deus”.  
Fortaleza que não quebra, mas fortaleza que derruba

Derruba amarras, derruba portas e fortaleza que cria fronteiras para que outra/e/os  
existam e resistam comigo.

Já a Bibi, ela chega para a minha família e minhas sobrinhas que ficou da criança e a  
adolescente que de vez em quando eu a relembro.

Relembro de cantar, relembro de sorrir e relembro de tocar em uma bateria ou tambor  
para o meu interno e pai irmão que quero reconectar.

Reconectar para lembrar a Gabi de não desistir.

Reconectar para lembrar a Gabi de prosseguir.

De vez enquanto a Bibi me lembra também de como é bom amar e sonhar, para a Gabi  
não quebrar e nem partir.

A Gabi do letra, busca com que as Bibis não passem pelo mesmo que ela passou durante  
a infância, na escola, e na adolescência.

Vergonha, dor, bullying, preterimento e humilhação, somente pelo fato de ter nascido  
negra, mesmo que com a pele pouco retinta, mas que em um estado como no qual ela  
partiu, bastavam o cabelo crespo, a diastema, o comprimento e a timidez para .....

Hoje a Gabi sauda a Bibi, no intuito

## As janelas da minha vida

A janela da minha vida passou a ser itinerante

Mas Gabi, de novo?

Gabi, você virou nômade?

Mas tu vai te mudar de novo, Gabi?

Se eu fizer uma analogia, a janela da minha vida se transformou em uma janela de um ônibus, daqueles que vamos fazer um passeio e ir para longe e nos perdemos nas diferentes histórias, vidas, culturas que passam por nós, por vezes, despercebidas.

Essa janela da minha vida já me mostrou tanta coisa.

Já me mostrou tanta dor, tanto suor, tanto esforço, que me chega a trazer aquele desconforto de longas viagens de ônibus que só aguardamos quando vamos parar em um posto para esticar as pernas.

A janela da minha vida já me mostrou também tanta riqueza, tanta cultura, tanta vida, a partir de cada troca genuína que tive com pessoas viajantes também na estrada. Cada um/a indo para o seu caminho, mas trazendo no seu momento presente a contemplação de estar naquele espaço.

A janela da minha vida já me permitiu sentir muitos sabores, risadas.

Daquelas que chegamos em um restaurante à beira de estrada e escolhemos uma comida só pelo conforto.

Ou de escutar aquelas histórias da viagem de nossos amigos, família e também de desconhecidos que, por algum acaso, conhecemos no meio do caminho.

Por muitos anos, eu vivia achando que a janela da minha vida seria aquela da vista para o Guaíba.

Dessa janela eu via de tudo, sonhava muito e nem imaginava onde a vida iria me levar.

Nessa janela, que fez parte da minha vida, nos meus sonhos, também me via, a sua paisagem e, por várias vezes, lembrava de redemoinhos no lago...

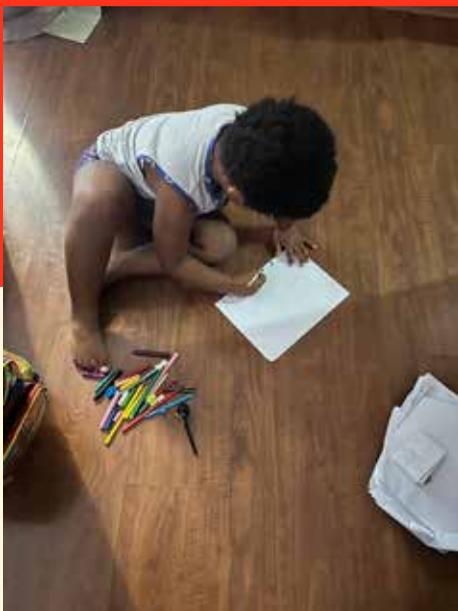
Que depois de adulta descobri que era de minha mãe lançã.





## Lucas Maciel

Lucas Maciel (Ele/dele) é graduado em Comunicação Social, com MBA em Marketing e Branding. Pai solo de Akin, atua na publicidade com foco em Planejamento Estratégico. Criador dos podcasts 'Papel de Pai' e 'Pais Pretos Presentes', Lucas busca inspirar homens a abraçarem a paternidade como uma jornada transformadora. Ele conhece mais de 10 países, fala inglês e alemão, e já foi voluntário em projetos que conectam Brasil e Alemanha. Apaixonado pelo jiu-jitsu brasileiro, valoriza as lições de disciplina, foco e superação que aprendeu com a prática. Como Diretor de ESG na ONG Letra Preta, Lucas trabalha para promover igualdade de oportunidades para todos, independentemente de sua origem étnico-racial.



## Saber mais é saber melhor

Imagine a educação como um vasto e mágico jardim. Neste jardim, cada flor é um pedacinho de conhecimento que floresce, esperando para ser descoberto. Alguns caminham por ele distraídos, outros colhem as flores com cuidado, apreciando cada detalhe, cada cor, cada perfume.

Quando você colhe uma flor e estuda suas pétalas, você não só a conhece, mas passa a dominá-la. É como se, ao tocar nela, você se conectasse com algo maior. Saber, de verdade, é como plantar raízes profundas nesse jardim. Essas raízes te sustentam, te nutrem e te permitem crescer mais alto do que você imaginava.

A vida é esse jardineiro sutil que nos dá as sementes, mas só quem as planta e cuida delas com carinho pode ver o jardim em todo o seu esplendor. Quem sabe o que colhe, quem confia na força dessas raízes, caminha pelo jardim com uma postura diferente, uma segurança que só o conhecimento verdadeiro traz. Assim, a sabedoria brilha, como um raio de sol que ilumina tudo ao seu redor.

Então, continue a explorar esse jardim, colha cada flor, plante cada semente, porque, no fim, aquele que sabe e confia no que sabe, sempre parece saber mais, na verdade, sabe melhor.

## O meu medo que é seu

Há um medo que carrego dentro de mim, um medo que parece tão íntimo, tão pessoal, que às vezes acho que só eu o conheço, só eu o sinto. Ele se aninha em cantos escuros da minha mente, sussurrando inseguranças, como um segredo que não deve ser compartilhado. E assim, vou guardando-o para mim, escondendo-o, achando que, se ninguém souber, talvez ele se enfraqueça.

Mas, em uma conversa desprentensiva, descobro que aquele medo, que eu pensava ser tão meu, também vive em outra pessoa. Ela descreve seus medos, e eu, espantado, percebo que são os mesmos que os meus. É quase como se ela estivesse me copiando, pegando emprestado o que eu sentia em silêncio.

Então, surge a pergunta: de onde vem esse medo que parece ser nosso, mas que se espalha entre tantos? Como ele encontrou seu caminho até nós? Juntos, começamos a explorar essa questão e, aos poucos, a verdade se revela: há algo, lá fora, que planta esses medos em nós. Um causador, talvez invisível, mas poderoso, que nos amedronta sem que percebamos de onde vem a ameaça.

E eu percebo que, ao guardar o meu medo só para mim, jamais poderia saber que outros também o sentiam. Nunca poderia imaginar que, assim como eu, outros o escondiam, talvez com o mesmo receio de parecer vulnerável. Afinal, quem quer admitir fraqueza? Quem quer expor o que nos faz tremer por dentro?

Mas, ao compartilharmos nossas inseguranças, algo muda. O medo, que antes era esmagador e solitário, começa a perder força. Juntos, podemos questioná-lo, entendê-lo, e, quem sabe, até vencê-lo. Porque, no fim, reconhecer nossa vulnerabilidade não é errado, nem vergonhoso. Pelo contrário, é o primeiro passo para descobrir que não estamos sozinhos e que, juntos, podemos enfrentar até os medos mais profundos e obscuros.



## Maju Reis

Cresci em uma pequena cidade, onde a escrita se tornou meu abrigo, meu refúgio.

Cada palavra que escrevo carrega um pouco da minha essência, um convite para que outros também se deixem tocar pela sensibilidade da descoberta.

Assim como a pedra jade, que brilha em verdes profundos e suaves, busco transmitir a beleza nas nuances da vida, demonstrando uma força que se contrasta com a sensibilidade.

## Memórias de um coração valente

Ao abrir os olhos, sou imediatamente envolvido por uma luz suave. Através da janela ao meu lado, vejo que há apenas nuvens e, então, percebo que estou dentro de um avião. Tento me lembrar de como fui parar ali quando uma comissária passa no corredor:

— Com licença, pode me informar qual é o destino desse voo? Não me lembro de embarcar. A moça sorri gentilmente e diz, com uma voz calma e familiar:

— Claro... o destino é o seu passado.

— Desculpe, não entendi.

— Não se preocupe, pode parecer confuso no início, mas, no final da viagem, fará todo sentido.

Ela me dá um aceno encorajador e começa a se afastar. Na poltrona ao meu lado, uma criança dorme tranquilamente. Seus lábios estão curvados em um sorriso leve e sereno, como se estivesse em um lugar de pura tranquilidade, embalado em sonhos que só aparecem na infância.

— Já chegamos? — ele pergunta, abrindo os olhos meio sonolentos.

Enquanto o avião começa a descer, sinto uma leve turbulência, como se estivéssemos atravessando um turbilhão de emoções e memórias. As luzes do painel de controle piscam de forma intermitente. Sinto medo.

O garotinho aperta a minha mão com confiança. Noto uma marca de nascença em seu braço, uma pequena mancha escura que contrasta com sua pele clara; é exatamente como a minha.

— Tudo bem, faz parte do processo — diz ele, sorrindo.

O avião começa a se estabilizar. A visão da janela revela uma paisagem que vai se transformando aos poucos, misturando cenas do presente com fragmentos do passado. É como se estivéssemos atravessando camadas de tempo e memória.

À medida que o avião aterrissa, o ambiente lá fora vai se tornando cada vez mais familiar, trazendo um ar de nostalgia misturada com um certo desconforto.

O avião para completamente e, quando a porta se abre, sinto como se estivesse na fronteira entre dois mundos, onde o passado e o presente se encontram e se entrelaçam. Ele olha para mim com uma expressão tranquila, como se finalmente tivesse encontrado algo que estava procurando. Na porta do avião, prestes a descer, ele me estende a mão e caminhamos juntos para fora.

De repente, um vento forte sopra em nossa direção e cubro o rosto com o braço. Quando abro os olhos novamente, o garotinho se dissolve em uma névoa de luz e percebo que estou em um ambiente diferente, em uma sala confortável, iluminada por uma luz suave e acolhedora.

Uma voz familiar ecoa:

— Bem-vindo de volta.

O ambiente de voo se desfaz, revelando um consultório. A terapeuta me observa com uma expressão gentil e compreensiva.

— Então, como foi?

— Estranho e desconfortável, mas, de certa forma, também aliviante — digo, me levantando e me sentando na poltrona.

— Momentos como este fazem parte de uma jornada emocional, que vai te ajudar a explorar e entender memórias, sentimentos e traumas que precisam de cuidados. Você terá outras oportunidades para revisitar o seu passado.

— Não sei se gostaria de retornar — digo, sentindo uma mistura de alívio e apreensão.

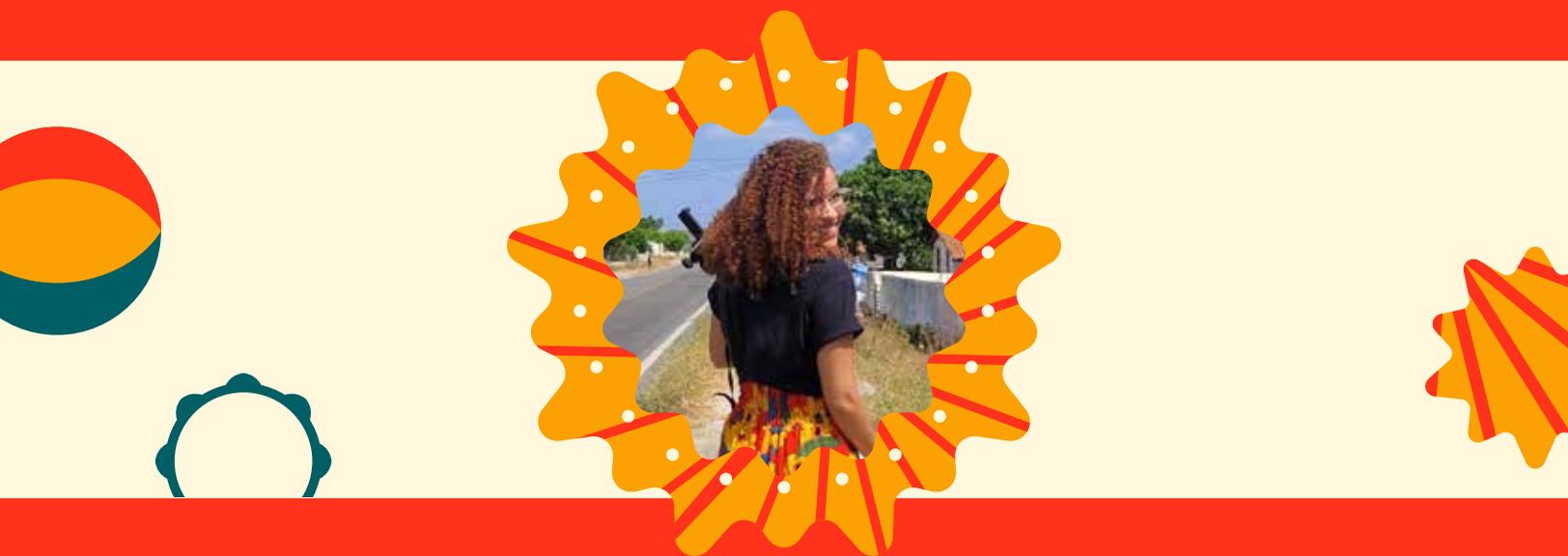
— Ainda há mais a descobrir e entender. Cada sessão é uma chance de ir mais fundo e encontrar mais clareza. O importante é que você está no caminho certo; não há pressa, mas é preciso estar aberto.

Sinto um senso de propósito e convicção em sua voz. De certa forma, sinto que realmente preciso enfrentar alguns aspectos e resolver algumas questões internas mal resolvidas.

— Às vezes, para sentir o presente e se abrir para o futuro, é necessário abraçar o passado, fazer uma breve visita. Não podemos viver lá, mas é importante retornar e entender, para que assim possamos seguir adiante.

Enquanto me acomodo, a angústia começa a dar espaço para uma sensação de alívio. O verdadeiro significado deste retorno, talvez não tenha sido apenas voltar ao passado, mas sim um encontro com memórias e sentimentos reprimidos ao longo de todos esses anos.

Maju



## Suyane Lopes Oliveira

Nascida da união de uma mulher preta cearense e um mineiro branco, Suyane é uma cearense que carrega em si a força de suas origens e a riqueza de suas experiências. Sua vida é um entrelaçar de culturas e histórias, que moldam sua visão única e multifacetada do mundo.

Formada em Marketing e com uma pós-graduação em Relações Internacionais, começou sua carreira no universo da comunicação com o espírito vibrante do voluntariado, participando de programas de rádio e TV. Essa experiência inicial foi a base para sua atuação diversificada como Assessora de Imprensa, Relações Públicas, redatora e professora. Cada função desempenhada reflete seu desejo de conectar pessoas e criar significados a partir das palavras e imagens.

As causas sociais, de apoio às mais diversas comunidades sempre despertaram entusiasmo e empenho na luta pela valorização da vida de cada humano que nesse planeta vive . Essas ações são uma extensão de seus valores e crenças, refletindo a importância de criar um mundo mais justo e inclusivo.

Além de seu trabalho profissional, Suyane explora suas paixões artísticas em pintura, música, teatro e escrita. Cada uma dessas formas de expressão é uma maneira de transformar suas vivências e emoções em arte, seguindo a inspiração do poeta cearense Josué Montello: "A arte é o espelho da alma e a alma não tem limites".

Sua trajetória é uma jornada de descobertas e criações, onde a força de suas raízes e o desejo de transformação se encontram. Assim como afirma o escritor cearense Jota França, "A verdadeira riqueza está na capacidade de transformar o próprio caminho em uma obra de arte". Ela continua a construir pontes e a inspirar com a criatividade e a paixão que define seu caminho.

## **Todos dizem que o primeiro amor a gente nunca esquece.**

Aquele olhar de quem ainda não te conhece,  
mas que enche a boca pra dizer que não sabe se merece.  
Um afeto que transcende todas as nuances da vida,  
e que diz "eu te amo" sem nenhuma despedida.  
Alguns não dizem com palavras,  
outros com gestos de carinho que nunca disfarçam  
o tamanho do amor por cada ser que ali reside.

Lendas contam que as mães vieram de um lugar especial,  
diferente da maioria, e que nossos pais são forjados com a força para proteger sua cria.  
Disso eu ainda não sei, não conheço teorias.  
Mas sei que, como Conceição Evaristo disse: "Na vastidão da existência, a maternidade é  
uma força que molda e transforma."  
Ninguém conseguiria fazer algo que movesse o impossível para proteger sua cria.

Cada família tem seu jeito especial.  
Muitas são famílias de sangue, de criação, ou até mesmo de consideração.  
Famílias e familiares o mundo tem de todo jeito,  
mas cada uma ama do seu jeito, e é com muito respeito que digo  
que minha família, com dois pais e duas mães, é a melhor.  
Cada um dos quatro me fez ser quem sou,  
tecendo com amor e sabedoria a trama da minha identidade.

A sua pode ser pai ou avô, mãe ou tia, conhecido ou desconhecido,  
mas se tu amas e és amado, é aí que se encontra tua verdadeira família.

## **Entender o Afeto como Parte do Processo de Acolhimento**

O cérebro é considerado o órgão mais importante do corpo humano, mas, para nós, o coração sempre será o mais significativo. E de que ele é movido senão pelo amor? Afinal, Bell Hooks já tem dito que "O amor é uma combinação de três coisas: afeto, ação e cuidado." O amor é a força vital que nos impulsiona e nos conecta aos outros.

A vida corrida proporciona infelizes relações mal resolvidas e o amor, que é a nossa principal fonte de sobrevivência, pode parecer fragmentado. Mas é esse sentimento que nos faz mover montanhas, que nos inspira a doar parte de nós mesmos para salvar o outro, e que nos levanta todos os dias em busca de um futuro melhor. É o amor que nos faz agir, produzir e conduzir nossa jornada, nos conectando a todos e ao mundo.

Quando estamos quebrados e desmantelados por experiências dolorosas ou por oportunidades perdidas, nossos pedaços podem parecer difíceis de se unir. E "Não há dor que dure para sempre, mas é necessário acolher o sofrimento para encontrar a paz."

Já alerta o poeta cearense Assis Brasil. Pode ser difícil não temer o novo ou o antigo, e manter as decisões da nossa própria vida pode parecer um desafio quando somos dominados pela incerteza. Às vezes, nos arriscamos por um amor não correspondido, seja no âmbito familiar, amoroso ou até mesmo com amigos, e isso pode levar a frustrações e quebras de expectativas.

Neste contexto, é crucial reconhecer que apenas você pode acolher o seu Eu e juntar seus pedaços, mesmo que outros ofereçam ajuda, como uma cola, um pedaço de fita ou uma vassoura para ajudar a limpar os caquinhos. Somente você pode abrir espaço para uma nova etapa.

É nesse momento que o afeto se torna essencial, tanto o afeto que você tem por si mesmo quanto o afeto que os outros têm por você. Receber e oferecer afeto é um gesto fundamental para a renovação da alma e do olhar diante das situações. Embora os pedaços colados nunca deixem o coração igual ao anterior, com a ajuda do afeto, ele pode se tornar ainda mais bonito e resistente. Não para evitar que se abra, mas para respeitar seu espaço e se proteger dos acidentes emocionais.

Olhar ao redor e compreender que o afeto é uma parte vital do processo de acolhimento pode ser um passo importante para evoluir e para apoiar outros que ainda estão na fase de entender como colar seus pedaços.

Seja parte desse processo: acolha a si mesmo e aos outros. Deixe seu afeto ajudar no acolhimento daqueles que estão ao seu lado e que tanto precisam. Transborde amor!





## Alonso Clinton

É noite, acabei de chegar em meu aposento após um dia de labuta; sentar-me-eis em uma cadeira em frente aos meus rabiscos com a cabeça debruçada sobre ela, eu penso: o que falastes sobre meu nome? Alonso, Alonso ... Ouço os pequenos sussurros em meus ouvidos! És que sou eu, o Alonso. Batizado com um nome dado em vanglória a um homem que deveras não conheço. Quem era ele? Este tal homem chamado Alonso? Só sei que foi ele que ajudaste meu painho com um pouco de moeda pela sua labuta diária. És, guerreiro! Este és o significado deste nome. Mas, porquê chegaste até mim? Poderia ter tantos nomes, porém recebo um que seu significado és de ser um valente? Tenho mais perguntas do que respostas. Uma escolha enigmática e espiritual; um sussurro que fluiu aos ouvidos dos que foram destinados a dar-me vida e dar-me um nome. Tal nome que carregareis comigo todos os feitos, todos os erros, todas as conquistas, todas as palavras certas e equivocadas. Tal nome que pode ser reconhecido que nem de identidade precisarás; Isso és um legado que pode ser deixado junto a ele. Mas, o que fazeres nesse momento com o teu nome, Alonso? Pois, ele será a última coisa dita no dia do teu último suspiro; e última palavra escrita em um concreto ao lado de um ramo de flores. Mas, te pergunto novamente: antes que isso aconteça, o que fazeres com o teu nome, nobre guerreiro?

## Som das Dobras

Crescemos como plantas; evoluímos como árvores. Estar-me-ei sentado em frente ao mar. A prestigiar o pôr do sol em um tempo frio de maio. O sol encoberto pelas nuvens escuras como de um dilúvio. A areia toca os meus pés e o som da dobra do mar soa como notas para meus ouvidos e uma energia do universo comunicando com a minha alma que resplandece. Assim, penso como podemos ser espectadores de uma orquestra invisível, não vista. Muito distante da condição do homem de entender seus enigmas, mas em sua totalidade fluida e viva, existe uma grande paz e tranquilidade. Longe dos jugos que nos deparamos e viver aquilo que realmente foi dado para minha própria experiência.

Observo as luzes e percebo que sem elas estaria em total escuridão no meio desta imensidão de areia e água. Podemos construir o que é útil para nós, pois é lindo a sua formulação. A capacidade que temos de entender o que era incomum e ser levados a fazê-las emergir ao universo. Porém, sei que influências dificultam esse entendimento e podemos nos perder, sucumbir parados ou invés de caminhar. Assim, novamente vão eles vagando pelo mundo para encontrar aqueles que têm as características de receber um propósito e descobrir se vão conseguir sobreviver à agonia que emanará. Muitos aprendem e outros se afundam. Eis que pergunto: - Por que és o primeiro a acreditar nos sussurros das dificuldades e dar ouvidos aos deturpadores? Já que tu és a luz que poderá iluminar o novo mundo? E que em tua própria alma tu sabes.



## Flávia Oyátumbi

Flávia, Regina, Flávia Regina, Oyátumbi, Flávia Oyátumbi

(introduzir a cosmovisão iorubá, os odus, o sete. a ancestralidade)

É todo dia Flávia, Flávia, Flávia, Flávia. Há 44 anos, ininterruptamente. E eu adoro!

Dona Ana, mineira, enfermeira, conheceu meu pai enquanto estava internado, convalescente. Eu não sei o que havia com a saúde do pernambucano metalúrgico, senhor José; sei apenas que a vulnerabilidade aproximou os dois e, mesmo sendo tão diferentes em tantos aspectos - da cor às crenças - eu, semente deles, germinei; da mulher retinta, evangélica, magrinha, de traços delicados e do homem branco, agnóstico-curioso, de porte mediano e olhos amendoados.

Nasci e fui registrada no centro da cidade de São Paulo, e até gostaria que meu nome se entrelaçasse com a história do nome do logradouro onde cresci. Até os onze anos, morei na Rua Tamandaré, no bairro da Liberdade. Existem duas teorias sobre o significado deste nome de origem tupi, a primeira tradução é “tamanduá diferente”. Já a segunda, é a de que a palavra, a partir do vocábulo tupi "tab-moi-inda-ré", significa "o repovoador". Diz a lenda tupi que havia um pajé chamado Tamandaré, o qual fez uma fonte que inundou o mundo. Ele se refugiou no alto de uma palmeira com sua mulher e quando a água baixou povoaram a terra com os filhos tupinambás. Talvez, Ana e José se refugiaram um no outro em meio ao Brasil da década perdida, nos anos 80. Gosto de pensar nas intersecções da vida. Gosto de pensar nas presenças e ausências que se manifestam em tudo o que nos cerca; a história da minha ancestralidade familiar indígena é quase impossível resgatar, mas acredito que alguns caboclos flecheiros acompanhavam papai, e hoje seguem comigo depois que ele se encantou. José nasceu no município de Escada, que é marcado por um massacre de Potiguares, Mariquitos e Tabajaras, e contou histórias da exploração que judeus e holandeses praticavam contra os mestiços ali. No engenho de cana de açúcar o menino José viu, ouviu e viveu o suor

que vira sangue, e preferiu fugir para São Paulo. Foi objetivo e certo como uma flecha. Porém, não foi esta linhagem ancestral que me nomeou com uma palavra de vogais com som aberto, agudo e afiado.

Eu sempre me perguntei como será que um bebê se sente ao ouvir o som do meu nome. Eliminando as consoantes e isolando o som mais forte temos algumas variações “Áia”! “Áiaaa”! “Áaaia”! Mãe é mineira, mas não fala manso, é intrépida e abrupta. Então, sei que nunca ouvi o meu nome arrastado e mole. A dona Ana diz que não gosta de mulher grávida e que acha que bebês são feios. Ela é uma figura! Nascida em São Domingos de Mariana, é mãe preta com tudo o que historicamente a expressão pode carregar. Quando eu nasci, ela disse que nem sabia como iria me chamar, o máximo que pensou, como uma boa cristã, foi “Maria”. Não é de causar espanto: minha vó colocou nos filhos - meus tios - sobrenomes diferentes como base em fatos transitórios e circunstanciais ao nascimento deles: minha mãe é “de Jesus”, o tio Zé é “Leopoldo”, a Tia Maria é “Domingas”, e a Tia Celi é “Chaves”! A vó Quitéria, devia ter seus motivos e sua concepção de registro, mas de fato, era uma mulher negra de pele clara que trabalhava dentro da “Casa Grande”, sem instrução nenhuma sobre familiaridade, que cresceu distante dos irmãos negros que podiam, minimamente, se reorganizar intelectual, emocional, espiritual e estruturalmente para ser e viver; imagino que, como miscigenada, Quitéria não sabia exatamente quem ela era. Só desejou viver melhor, e o que sei é que fugiu com meu avô para São Paulo. O meu nome também não está entrelaçado a esta história, embora minha mãe tivesse escolhido mais tarde, para minha irmã, o nome de Mariana, que sonoramente vibra ternura.

A história do meu nome que, a propósito, é composto - Flávia Regina - está curiosamente articulada ao bairro da Liberdade, que trouxe para a vida dos meus pais, uma mulher que se tornou a patroa da minha mãe, e depois se transformou em uma amizade, que fui ensinada a chamar de vó. Dona Carmen era nisei, proprietária de salão de beleza, bem sucedida, mãe solo e mulher que buscava trabalhar sua espiritualidade, inclusive em casas de religião de matrizes africanas. E foi então que a conexão entre eles abriu um portal ancestral, pelo qual Carmen intuiu que minha mãe me batizasse com a versão feminina do nome de seu filho. Além disso, ela sugeriu, criativamente, que seria bonito compor com um nome associado à data do meu nascimento; dia 06 de janeiro é dia da Folia de Reis. Então, - maktub! - Flávia Regina. Que nome audacioso para uma menina negra de pele clara, registrada como branca, e que teria diante de si todos os desafios para saber quem é, e ser o que se é.

Talvez, vó Carmen tivesse intuído mais do que disse à minha família, quando a sugestão se tornou um presente que carrego com orgulho. A ancestralidade que me acompanha, que pulsa em mim, está registrada neste nome composto como uma digital particular; um segredo que só os mais próximos acessam. Aparentemente um nome composto com referência europeia, mas a parte que me cabe dizer é que Flávia, é uma palavra que tem origem no latim e significa “dourado”

(... seguindo pra finalizar falando sobre novo nome e autodenominação e tornar-se ancestral)

## Janela

A janela da minha infância era um portal cinzento que apresentava uma bruma de cimento. Os predinhos do centro de São Paulo eram pequenas malocas, aglomerados sem planejamento ou arquitetura de bem viver.

Abrindo a janela de madeira, 3 metros à frente, uma parede que mamãe usou para fixar um rodízio e criar um varal - não tinha espaço dentro para estender roupa. Abaixo uma telha cobria um pequeno quintal do apartamento abaixo; o melhor espaço ali não era na cobertura, mas quase no subsolo... à esquerda outra parede, à direita a visão de um terreno baldio, algumas árvores que disputavam com o lixo que ali jogavam. Minha lembrança traz com carinho duas delas que se curvaram na direção de nós e sazonalmente me divertiam com amoras e ameixas suculentas.

A vida ali se apresentava pra mim. Tão real, tão ela. Muros e barreiras interpostas escondiam o horizonte, mas eu sabia que o sol estava lá no céu. Sabia, porque não teria como as árvores sem ele florescerem e darem frutos. Eu tinha que acreditar, encontrar o caminho rumo aos seus raios e ao seu calor. E também florescer.



## Ladylene Aparecida

Ladylene Aparecida, formada em Gestão de RH, atualmente moradora de Santa Luzia, Membro honoraria da Academia de Letras e Artes de Santa Luzia – ALUZ –, colunista na Revista Internacional Literária The Bard Wolf e Participante da ONG Instituto Letra Preta. Desde o início da adolescência se viu inclinada para a literatura e escrita, era como uma forma de escapar e se proteger da vida difícil que sempre teve. Contudo, aos quatorze anos foi arrebatada pela literatura, pois foi quando conheceu a coleção de livros Os Karas, a turma de amigos com o qual se identificou e viveu várias aventuras. Por muitos anos foram seus amigos e com alegria ainda os visita. Já no ensino médio conheceu o Professor Jose França, que até os dias atuais é seu amigo, mentor e incentivador e através dele conheceu outros gêneros literários, autores e a cultura de uma forma geral. Em seus momentos de lazer adora passar momentos com a filha, ouvir música, cozinhar e como uma boa mineira ama a vida boêmia e os bares dessas Gerais que são incríveis, ainda mais se tiver na companhia de seus amigos.

Porém, mesmo com todo incentivo, foi apenas em 2021 que resolveu tomar coragem e mostrar ao mundo os seus escritos, o que fez ser reconhecida pela Revista The Bard e a ALUZ. Hoje possui o Instagram Literário @ladyleneap\_escritora, onde publica alguns de seus textos e compartilha com o mundo a sua paixão por escrita.



## História do nome

Leidiane, Lidiane, Leidiana, Lady, Leide, Lady Laura, somos legião porque somos muitos!! Coisa mais rara é alguém acertar a escrita e a pronúncia do meu nome. E desde muito nova isso sempre foi muito importante para mim. Lembro-me que, toda vez que tinha que ir em algum lugar que precisava dar o nome, eu falava e as pessoas escreviam como eu pronunciava e isso me irritava. “Porra, qual é a dificuldade de escrever o meu nome certo, povo burro!” Mas, com o passar dos anos, com a maturidade, fui percebendo que nem todo mundo é obrigado a saber a escrita correta do meu nome, pois se fala de uma maneira, mas se escreve de outra, então, passei a sempre andar com a minha identidade em mãos, ou simplesmente já respondia: “Vou soletrar que é mais fácil”. E eu achava engraçado as pessoas tentarem pronunciar. Hoje já fico mais irritada. Detesto que errem a pronúncia do meu nome. Poxa, é o meu nome e é importante. Ninguém ousaria errar a pronúncia do nome de um político ou celebridade, por que vou aceitar que errem o meu?

Meu nome é muito importante para mim, é minha identidade, faz parte da minha personalidade. E para mim tem imponência e poder. O puro suco da nobreza!

Então, vamos lá...

Prazer, me chamo Ladylene Aparecida

Reza a lenda que, na década de meu nascimento, uma figura importante e que veio de certa forma do “povo”, se tornou princesa, possivelmente a próxima rainha da Inglaterra, uma das monarquias que até hoje tem poder político muito grande. Seu nome era Diana, mais conhecida como Lady Di, então daí veio a primeira parte de meu nome, Lady, que em tradução literal, significa dama, senhora da alta sociedade (adoro!). A segunda parte, Lene, vem do nome da minha progenitora “Marlene” e, assim, nasceu Ladylene. O Aparecida, que é meu segundo nome, que diga de passagem não gosto muito, é em homenagem à santa padroeira do Brasil, nossa senhora Aparecida, a qual minha mãe é devota.

Contam que a minha gestação e o parto foram muito difíceis, sendo assim, foi feita uma promessa que, se eu e ela saíssemos com vida da sala de parto, meu primeiro ou segundo nome seria Aparecida. E eu sou grata todos os dias por colocarem como segundo nome, alguém tinha bom senso naquela família. Hoje o “Aparecida” é associado pelo meu jeitinho meio excêntrico de ser, que sou “aparecida”! Meu povo, se não for para causar e brilhar, nem da cama eu saio... eu sou uma Lady!! Kkkk

Então, assim nasceu Ladylene Aparecida, que de santa não tem nada e que, por ironia do destino, é ateia por convicção e bruxa por escolha.

Prazer, essa sou eu ...

Ladylene Ap.

## Edifício Rosa

Era uma noite chuvosa. A enxurrada quase subia pela calçada. Mesmo Ana pegando um táxi, ela se molhou toda. O trânsito estava horrível.

Por isso, ela preferiu descer uma esquina antes de chegar ao seu apartamento. Foi até melhor assim, um banho de chuva sempre faz bem à alma e, naquele dia fatídico, foi uma dádiva dos deuses. Ela teve um dia longo e exaustivo. Descobriu que a promoção no trabalho que tanto almejava foi dada a outra pessoa, com menos experiência, só porque o cara era puxa saco do chefe. E seu namorado, com quem sonhava em se casar, estava a traindo com sua melhor amiga.

Aquele dia não podia ficar pior. Ainda bem que estava acabando, algumas lágrimas se misturavam com as gotas grossas de chuva.

Finalmente o prédio, depois de quase quinze minutos de caminhada...

O edifício Rosa era um prédio antigo, de doze andares, dividido em dois blocos, Ana passa pela portaria, pega a sua correspondência com o Sr. Antônio, o porteiro da noite, e segue em direção ao elevador, a chuva lá fora estava mais forte e parecia que um raio tinha caído ali perto.

Finalmente dentro do elevador, a jovem tristonha aperta o botão correspondente do seu andar, décimo andar, bloco I. A porta se fecha, porém, quatro andares acima se escuta outro trovão, a energia é cortada. Ela tenta respirar fundo para manter o resto de calma que ainda lhe restava.

“Socorro, alguém me ajude.” Entretanto, pelas portas de aço ninguém a escuta. Em uma tentativa inútil, ela soca a porta e percebe o telefone de emergência, que não funciona. Sentando-se no chão e com as roupas molhadas, Ana se entrega há um choro compulsivo e liberta de seu peito um grito que a dias a incomodava, pelo menos ali ninguém iria escutá-la.

Depois de algum tempo a energia é restabelecida, tudo não passou de um pico de energia por causa da forte chuva. Finalmente ela poderia chegar ao seu apartamento. Limpando o rosto encharcado de lágrimas e borrado pela maquiagem feita pela manhã. “Que bom! O elevador começou a subir, vou finalmente chegar ao meu apartamento e bem a tempo.”

Se não fosse por tudo que passou, ela poderia até dizer que estava feliz.

Apartamento 1001, bloco I.

Ana respira fundo, antes de colocar a chave na fechadura, não queria correr o risco de quebrar a chave.

Agora é só tirar aquela roupa molhada e tomar um banho quente.

“Que delícia! Eu realmente precisava de um banho!”

Depois do banho merecido, Ana coloca a sua melhor camisola vermelha com detalhes de renda, deixando à vontade os seus seios, não eram muito grandes, mas ela se orgulhava deles, preferiu deixar a calcinha de lado, afinal, passou o dia todo com aquela peça lhe apertando e incomodando, estava em sua casa, no seu porto seguro, podia ficar como gostava.

Depois desse pequeno ritual, abriu uma garrafa de vinho e se sentou em sua poltrona

favorita em frente da janela, onde podia ver a chuva caindo e a agitação da cidade grande. Tomando um gole do vinho, ela sente o sabor da bebida invadir o seu ser, era relaxante, como se todos os seus problemas tivessem desaparecido.

“Mesmo com um dia horrível, deu tempo...”

O toque da campainha fez com que Ana voltasse à realidade. Seu convidado daquela noite havia chegado. Ela era um misto de alegria e apreensão, não tinha certeza do que aconteceria, contudo, era melhor assim.

\*\*\*

Ela abriu a porta e viu a personificação da perfeição. Mesmo sendo de estatura mediana, o convidado era mais alto que a Ana. Seu terno, obviamente feito sob medida, dava um ar ainda mais superior àquele homem. Sua pele branca, quase cadavérica, o deixava ainda mais atraente. Com o seu chapéu de gangster era quase impossível ver os seus olhos, porém, a jovem tinha certeza de que eles a fitavam.

Ana lhe oferece uma taça de vinho, que gentilmente o homem aceita e toma apenas um gole. Ele gosta de estar sóbrio quando está em serviço.

Calmo ele a espera colocar suas músicas favoritas, tomar o seu vinho, não tinha como ter pressa em seu trabalho, era um ritual necessário, Angel era um artista e não se apressava na arte.

O homem apenas observava os movimentos de Ana, ela dançava, tomava seu vinho, se sentia livre como há muito não se sentia, até teve coragem de beijar e tocar seu convidado.

Quando sua garrafa de vinho já estava no fim, ela foi conduzida para o seu quarto. Admirada com tanto cavalheirismo, ela se permite se entregar ao momento.

Ele começa a tocá-la, com o prazer, seus seios enrijeceram, seus beijos molhados em seu pescoço fizeram Ana gemer de prazer. Ele a joga na cama, se despe e se coloca bem em cima dela. A jovem, não tão tristonha mais, se delicia com o carinho que tão gentilmente é oferecido. Eles fazem amor como se fosse a última vez, a chuva continua batendo forte na janela, Ana geme de prazer a cada investida de seu convidado.

Ele a deixa saciada! Vislumbra-se com o seu corpo ainda ofegante sobre a cama e se pergunta, por quê?

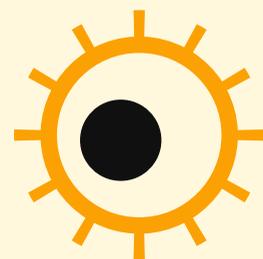
Mesmo ainda sentindo o prazer que lhe foi proporcionado, Ana pergunta para o seu convidado, como seria feito...

Ele apenas responde que já foi realizado o trabalho para qual foi contratado, antes mesmo deles irem para o quarto. Que agora era apenas questão de tempo.

“Pode descansar, minha querida! Daqui alguns dias, acredito eu, irão te encontrar...”

“Ótimo! Obrigado por tudo!”

Após essas palavras, Angel se veste e se apronta para ir embora, mas com uma dúvida, por que uma jovem tão bonita e inteligente queria se matar?



## Everton Sales

Dê justiça para aquela família

De justiça para aquela família talvez só a divina.

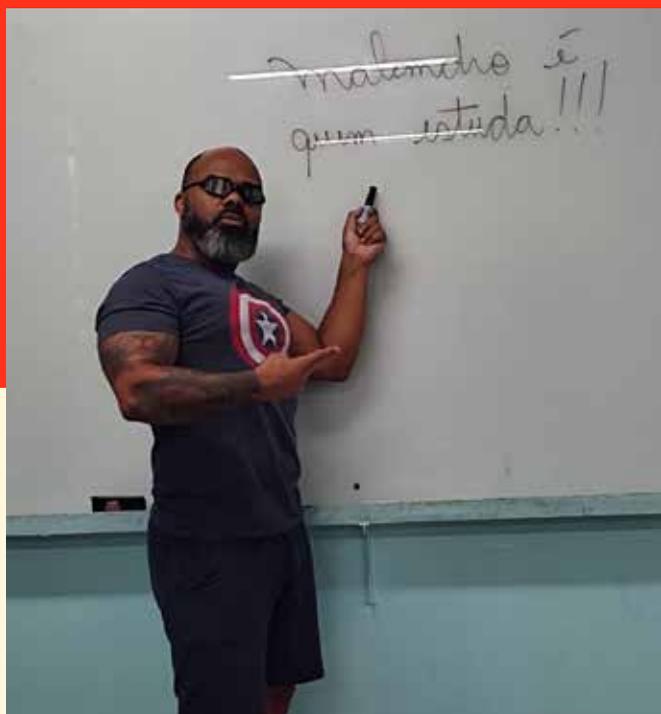
Década de 80, beco, esgoto a céu aberto, barraco de madeira na periferia.

Cinco filhos na família, o nome do caçula, destino, missão ou ironia?

Periférico, preto, perfil predileto das violentas estatísticas...

Escolheu sem saber que tinha escolhido ser: rebelde, revolucionário, controverso e veemente defensor da justiça...

O que busca ser justo, Everton.



**Procurei a primeira foto da qual tenho memória**, não encontrei. Então, a descreverei: Eu era criança, nas férias e, em momentos de necessidade, ficava na casa de meus avós. Meu saudoso avô é a figura masculina que tenho como referência. No dia em questão, fazia calor, um bairro da zona sul de São Paulo, eu nunca tinha posado pra uma foto.

Eu queria ficar muito bem naquele primeiro retrato, hoje percebo que eu queria parecer ativo, honesto, agradável, forte... Enfim, eu queria parecer alguém importante e especial. Como não podia deixar de ser, criança sendo criança, eu estufei a barriga e o peito, queria ficar na foto igual ao meu avô. Eu ainda não sabia, mas eu já sabia que a ancestralidade nortearia minha vida.

Essa imagem se faz cristalina em minha mente e ilustra minha fé na concepção de comunidade, não é sobre idealizar um super herói ou tentar criar um personagem. O respeito aos que vieram antes de mim, a devoção ao corre de minha mãe, mulher preta que ainda batalha pelos seus (sem romantizar), a crença que tenho no poder da educação, o amor que sinto na paternidade – um dos grandes gargalos de nossa gente. Aquele menino preto compartilha com você, leitor, uma visão de mundo melhor, uma busca por um mundo em comunidade, no qual as posses sejam só posses e que os relacionamentos e vivências sejam de fato a maior riqueza. Trazer a esperança de igualdade e equidade, sem perder de vista mazelas e barreiras que existiram, existem e existirão na caminhada de nossa gente. Na verdade, não apenas dizer, mas agir coletivamente pra produzirmos essa tão almejada igualdade.

A história que trago, daquele garotinho imitando o avô, está sendo criada com energia e atitude de muita gente que escolheu agir e lutar para que outros garotinhos e garotinhas tenham não apenas uma, mas várias referências. De nós, por nós, para nós. Assim, o tal retrato segue sendo recriado, à forma e ao modo de cada um, milhões de fotos que formam um único quadro, atemporal, potente, ancestral.



## A força do nosso Coletivo

Ao percorrer essas páginas, navegamos por histórias de vida, sobrevivência e devaneios que atravessam o tempo, o espaço e as realidades de um Brasil multicolorido. Cada voz aqui presente traz uma perspectiva única.

Os relatos narrados nessa coletânea mostram o anseio e as conquistas individuais e coletivas de pessoas que precisam se reafirmar todos os dias, não para si mesmas, pois sabemos quem somos e aonde queremos chegar, para reafirmarmos para um mundo que por algum motivo ainda insiste em apagar a nossa história.

E através dessas linhas mostramos o quanto somos unidos e fortes e que narrativas como as nossas simplesmente não podem ser apagadas dos livros de história ou desenhadas como convém àqueles que acham que somos meros instrumentos de trabalho.

Nosso povo é mais do que isso: somos filósofos, professores, mestres, artistas...

Ao compartilharmos nossas vivências, elas não apenas desafiam as estruturas que tentam apagar a nossa existência, mas também constroem pontes entre gerações, territórios e realidades.

Neste epílogo, celebramos essas histórias. Eles nos lembram que a luta por dignidade, reconhecimento e igualdade continua, mas também que há força na coletividade. Cada relato é um grito que ecoa de diferentes partes do país.

Esses textos são, ao mesmo tempo, um encerramento e um novo começo. A caminhada é longa, mas cada passo dado deixa um legado que impulsiona os próximos. Que podemos carregar essas histórias conosco, não como um fim, mas como um convite.

Ladylene, Patrícia e Flávia  
Pelo Instituto LetraPreta

LETRA  
PRETA

FORA  
DA  
ASA



ISBN: 978-65-85262-11-8

CDL



9 786585 262118